

# ESCOLA DE BIODANZA SISTEMA ROLANDO TORO DE GRAVATAL

Um olhar biocêntrico sobre a formação do  
Mediador de Conflitos

RICARDO CESAR CORREA PIRES DORNELLES

Gravatal – SC

2008

# ESCOLA DE BIODANZA SISTEMA ROLANDO TORO DE GRAVATAL

Ricardo Cesar Correa Pires Dornelles

Um olhar biocêntrico sobre a formação do  
Mediador de Conflitos

Monografia apresentada ao Curso de  
Formação de Facilitadores seguindo os  
critérios da Internacional Biocentric  
Foundation na Escola de Biodanza Sistema  
Rolando Toro de Gravatal na cidade de  
Gravatal-SC, sob a orientação da Profa. Ms.  
Cleusa Maria Denz dos Santos

Gravatal - SC

2008

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à diretora da Escola de Gravatal, Silvia Eick, presença que nos mostrou sensibilidade, dedicação e apoio irrestrito em nossos questionamentos e reflexões nesta caminhada da busca do conhecimento, assim como, um exemplo de profissional e doação aos alunos e docentes, a qual contribuiu significativamente para nossa formação.

Agradeço aos colegas de curso e professores a presença e redescoberta pela VIDA.

Agradeço a oportunidade para manifestar aos colegas mediadores, facilitadores que ao longo dos anos, têm desempenhado papéis significativos nesta trajetória e proporcionado meu aprimoramento constante.

Agradeço à minha orientadora Cleusa Denz , pela prazerosa convivência afetiva, tranqüila e significativa ao longo destes meses. Agradeço pelo cuidado, pela sensibilidade, pela competência e seriedade nos diversos encontros, e principalmente pelo apoio de despertar em mim o desejo de escrever. Obrigado!

Quero agradecer em especial ao meu amigo, mestre e eterno facilitador João Antonio Dutra, pelo compromisso, profissionalismo e dedicação com a fundamentação teórico-metodológica da Biodança nos grupos regulares e pelo exemplo ético e com dedicação amorosa na relação com as pessoas nesta caminhada de dançar a vida.

À Olga agradeço eternamente pela ternura e amor de filha, e por reencantar minha vida. Te agradeço pela generosidade de enviar-me este lindo texto de Shakespeare, demonstrando toda tua sensibilidade e generosidade nesta construção de tua essência.

## DEDICATÓRIA

Depois de algum tempo você aprende a diferença,  
a sutil diferença, entre dar a mão e acorrentar uma alma.

E você aprende que amar não significa apoiar-se,  
que companhia nem sempre significa segurança,  
e começa a aprender que beijos não são contratos,  
e que presentes não são promessas.

Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos  
adiante,  
com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança;  
aprende a construir todas as suas estradas no hoje,  
porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos,  
e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar  
exposto por muito tempo,  
e aprende que não importa o quanto você se importe,  
algumas pessoas simplesmente não se importam...  
aceitam que não importa quão boa seja uma pessoa,  
ela vai ferí-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso.

Aprende que falar pode  
aliviar dores emocionais, e descobre que se leva anos para se  
construir confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você  
pode fazer coisas em um instante, das quais se arrependerá pelo  
resto da vida; aprende que verdadeiras amizades continuam a  
crescer mesmo a longas distâncias,  
e o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem  
na vida, e que bons amigos são a família que nos permitiram  
escolher.

Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendemos  
que eles mudam;  
percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa,  
ou nada, e terem bons momentos juntos.

Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida  
são tomadas de você muito depressa, por isso sempre devemos  
deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas;  
pode ser a última vez que as vejamos.

Aprende que as circunstâncias e os ambientes tem influência sobre  
nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos.

Começa a aprender que não se deve comparar-se com os outros,  
mas com o melhor que pode ser.

Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer  
ser, e que o tempo é curto.

Aprende que não importa onde já chegou, mas onde se está indo,  
mas se você não sabe para onde está indo qualquer lugar serve.

Aprende que ou você controla seus atos ou eles o controlarão,  
e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade,  
pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre  
existem dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário  
fazer, enfrentando as conseqüências.

Aprende que paciência requer muita prática.

Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute  
quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se;

aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de  
experiência que se teve e o que você

aprendeu com elas, do que com quantos aniversários você

celebrou; aprende que há mais dos seus pais em você do que você  
supunha;

aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são  
bobagens;

poucas coisas são tão humilhantes... e seria uma tragédia se ela  
acreditasse nisso.

Aprende que quando se está com raiva se tem o direito de estar  
com raiva, mas isso não te dá o  
direito de ser cruel.

Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer  
que ame

não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode,  
pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem  
como demonstrar ou viver  
isso.

Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém;  
algumas vezes você tem que aprender a perdoar-se a si mesmo.

Aprende que com a mesma severidade com que julga,  
você será em algum momento condenado.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi  
partido,  
o mundo não pára para que você o conserte.

Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás,  
portanto,  
plante seu jardim e decore sua alma ao invés de esperar que alguém  
lhe traga flores,  
e você aprende que realmente pode suportar...  
que realmente é forte e que pode ir muito mais longe depois de  
pensar que não se pode mais.

Descobre que realmente a vida tem valor e que você tem valor  
diante da vida!

Nossas dúvidas são traidoras  
e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar,  
se não fosse o medo de tentar.

SHAKESPEARE

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### 1. MEDIAÇÃO

- 1.1 CONCEITO E BREVE HISTÓRICO.....
- 1.2 ÁREAS DA MEDIAÇÃO.....
- 1.3 O MEDIADOR.....
- 1.3.1 FORMAÇÃO.....

#### 2. JUSTIÇA RESTAURATIVA

- 2.1 CONCEITO .....
- 2.2 JUSTIÇA RESTAURATIVA E MEDIAÇÃO PENAL. ....
- 2.3 HISTÓRICO .....
- 2.4 PRINCÍPIOS E VALORES.....
- 2.5 O PAPEL DO FACILITADOR .....
- 2.6 PROCEDIMENTOS RESTAURATIVOS .....
- 2.7 BENEFÍCIOS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA.....

#### 3. COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA (CNV)

- 3.1 O QUE É.....
- 3.2 PRINCÍPIOS DA CNV.....
- 3.3 OS COMPONENTES DA CNV.....

#### 4. EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

- 4.1 CONCEITO.....
- 4.2 PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO.....

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### BIBLIOGRAFIA

### INTRODUÇÃO

Com uma formação acadêmica inicial em meados dos anos 80 em tecnólogo em processamento de dados sentia uma enorme necessidade de desenvolver algo além do conhecimento altamente técnico, racional e profundamente solitário que caracterizavam o perfil dos profissionais de informática naquela época. Desta forma, fui buscar no teatro e na música o oxigênio para minhas angústias, solidão e inúmeras reflexões existenciais, para um jovem que buscava sua identidade, assim como, expressar minha sensibilidade no campo profissional. Passado este turbilhão de emoções, resolvi aventurar-me no ramo empresarial, criando uma pequena empresa no ramo da confecção, na qual pude desenvolver mais minha sensibilidade, criatividade e um contato diário com inúmeros profissionais de diversas áreas, propiciando muitas negociações com os mais variados tipos de pessoas, desde os mais elevados cargos até as pessoas mais simples. A experiência de lidar com pessoas de classes sociais, políticas e econômicas tão distintas reviveu em meu coração o desejo de estar mais próximo do outro enquanto ser humano desenvolvendo assim, minha busca pela compreensão do outro e o sentido do viver. Em virtude das condições do contexto político e econômico brasileiro no início dos anos 90, decidi realizar um sonho de cursar Direito.

Todos os obstáculos percorridos até então me fizeram conscientizar da importância da humildade, da comunicação e da capacidade de compreender o homem nos limites de situações de caos. Desta forma, após concluir o curso de direito a tendência do meu trabalho era para negociações e para conciliações. Em 2000, li em um jornal a divulgação de uma palestra sobre mediação, pela qual me interessei e resolvi fazer a formação de um ano. A partir desse curso, iniciei um trabalho voluntário dentro do judiciário como mediador de conflitos familiares



paralelamente ao meu trabalho de advogado. No final de 2003, conheci Biodanza<sup>1</sup> e imediatamente relacionei seus “resultados” à formação do mediador. Comecei a fazer grupo de Biodanza e na seqüência ingressei na formação para facilitador de Biodanza que conclui em março de 2007. Em agosto de 2004, iniciei uma convivência muito afetiva e prazerosa com um grupo de pessoas que buscavam implantar a Justiça Restaurativa no Judiciário e na sociedade gaúcha, através de um Núcleo de estudos sobre Justiça Restaurativa na Escola da Magistratura do RS. No final deste ano, fui convidado para participar de uma formação em Comunicação Não-Violenta (CNV) com Marshall Rosenberg, psicólogo americano criador dessa técnica. Fiquei encantado e associei-a imediatamente com a Biodanza, pois ambas, se expressam através da Linguagem pelo coração.

Essas experiências contribuíram em muito para os meus trabalhos de mediador e de formador de mediadores, bem como meu trabalho de advogado. Em abril de 2007, iniciei a formação no curso de especialização em Educação Biocêntrica na UNISC. Essa decisão ocorreu em primeiro lugar, por ter me apaixonado pela Educação Biocêntrica, no primeiro contato durante minha formação em Biodanza na Escola de Gravatal, Santa Catarina, pois visualizei a possibilidade de aplicar essa metodologia nos cursos de preparação para mediadores, agentes de mediação comunitária e facilitadores de círculos restaurativos na Justiça Restaurativa. Atualmente a formação para mediadores segue critérios mais técnicos, contemplando uma abordagem mais sobre a metodologia da mediação e seus princípios. Contudo, aqui no RS e na Ordem dos Advogados do Brasil, tenho proposto um trabalho diferenciado em alguns aspectos, ou seja, tenho buscado contribuições da Educação Biocêntrica, da Biodança, do Psicodrama e da CNV para desenvolver a percepção, a sensibilidade, o fortalecimento da Identidade amorosa, o vínculo afetivo e principalmente desenvolver a capacidade de escuta sensível desses profissionais para atuarem no campo da resolução de conflitos.

O Presente trabalho foi pensado como uma forma de organizar e sistematizar idéias e o que vem sendo feito na prática na formação de mediadores e agentes de mediação, assim como, num futuro próximo propor um curso oficial para esta formação que englobe a visão biocêntrica.

---

<sup>1</sup> Sistema de desenvolvimento humano, criado pelo chileno Rolando Toro Araneda, que tem por base a expressão e o fortalecimento da identidade, ponto de partida e base da percepção e das noções que construímos acerca de nós mesmos, do outro e do mundo. (GÓIS, 2002)

No Capítulo 1 é apresentada uma visão geral dos conceitos sobre Mediação e uma abordagem centrada na figura do mediador e suas funções.

O Capítulo 2 descreve o conceito de Justiça Restaurativa, os princípios e valores, o histórico sobre este modelo de Justiça, e apresenta as etapas dos procedimentos restaurativos. De forma sucinta aborda as atividades do facilitador no processo restaurativo.

O Capítulo 3 aborda a técnica sobre Comunicação Não-Violenta, uma ferramenta eficaz para as pessoas e para os profissionais interessados em melhorar sua comunicação humana e lidar com a resolução de conflitos.

O Capítulo 4 apresenta uma reflexão teórica e o posicionamento de alguns autores sobre Educação Biocêntrica, uma educação que propõe a vivência das emoções, uma metodologia vivencial que favorece o ritmo de cada pessoa. Uma análise contextual sobre os princípios biocêntricos.

Nas considerações finais, após apresentar os dois modelos de resolução de conflitos, relacionar com a ferramenta de comunicação humana no auxílio dos mediadores na facilitação do diálogo entre pessoas em conflito e esboçar sobre esta prática pedagógica denominada Educação Biocêntrica, sugerimos uma proposta para que alguns aspectos percebidos em minha prática como mediador a partir dessas constatações para a formação dos mediadores e facilitadores, aspectos que devem ser desenvolvidos a fim de estimular a expressão afetiva, a capacidade de escuta, a sensibilidade, a intuição e a capacidade de percepção deste SER que ao longo da história desenvolveu um analfabetismo emocional.

## 1. A MEDIAÇÃO

### 1.1. CONCEITO E BREVE HISTÓRICO

A mediação constitui um dos vários métodos de resolução de conflitos, técnica que vem sendo aperfeiçoada desde os tempos primórdios da civilização a partir das dificuldades surgidas através da convivência e principalmente na comunicação humana.

A mediação pode ser definida como um encontro de pessoas que tenham um conflito a ser tratado e utilizam um terceiro independente e imparcial denominado mediador, "o qual coordena reuniões com as partes envolvidas conjuntamente ou atendendo-as separadamente"<sup>2</sup>, facilitando e estimulando o diálogo, a fim de que as partes encontrem uma solução adequada, encontrem seus próprios caminhos, façam suas escolhas com base em suas próprias compreensões. O objetivo não é simplesmente chegar a um acordo, mas principalmente à satisfação das necessidades e interesses das pessoas envolvidas no conflito.

Entretanto, poder-se-á chegar a um acordo, uma vez que tenha ocorrido realmente um diálogo sincero com a presença efetiva de todos.

A mediação é primeiramente uma vontade de abrir caminhos, de construir pontes, de estabelecer ligações onde elas não existem, permitindo que as pessoas ou grupos se unam, permitindo, também que cada ser encontre suas próprias respostas. A mediação apela à inventividade e à criação.

Não irei tratar neste trabalho das diversas formas de tratamento de conflito, pois o objetivo desta monografia é ressaltar aspectos relevantes e essenciais para a formação do mediador e algumas habilidades subjetivas que irão auxiliar nesta tarefa do mediador.

Por meio da mediação visa-se estimular o diálogo respeitoso, onde todos possam se expressar e serem escutados e compreendidos, pois, muitas vezes em grupos familiares, sociais, religiosos, escolares todos querem falar ao mesmo tempo e ninguém se entende, sendo uma verdadeira confusão, o que muitas vezes acaba gerando profundos conflitos. Mediação é a compreensão das diferenças.

---

<sup>2</sup> SAMPAIO, Lília. *O que é Mediação*. 2007

Conforme destaca muito bem<sup>3</sup>, a mediação possui diversos objetivos, dentre os quais se destacam: a boa administração do conflito, a prevenção da má administração de conflitos, a inclusão social e a paz social.

Em relação ao judiciário, Barbosa<sup>4</sup>, sintetiza a mediação como um complemento ideal de auxílio à Justiça, principalmente na área de Direito de Família, em que se busca a transformação dos conflitos de forma pacífica para que o casal resolva os problemas decorrentes da ruptura com menor custo emocional, econômico e social.

Para completar esse entendimento, explica Barbosa<sup>5</sup> que a Mediação Familiar é uma inovação sobre o “como”. “Como” evitar a escalada do conflito, “como” restabelecer uma comunicação interrompida, “como” apoiar a procura de uma reestruturação. E “como” os operadores do Direito podem se preparar para atuar nos conflitos de família com mais dignidade e respeito pelo sofrimento e pela angústia humana.

A linha que separa a mediação familiar de terapia é muito tênue, pois muitas vezes confundem o mediador com um terapeuta, com um juiz, a partir destes equívocos, as pessoas imaginam que devem convencer o mediador de suas razões.

Desta maneira, o encontro da mediação conduzida por um terceiro, propicia, através do diálogo, uma solução criativa elaborada coletivamente pelos participantes deste encontro, uma saída que não pertence a nenhum dos dois propriamente, mas aos dois, sendo o resultado de uma verdadeira transformação, um estímulo à cultura da comunicação pacífica.

As pessoas, por meio da mediação, têm a oportunidade de distinguir o lado emocional e o lado econômico da situação.

A mediação não quer que as partes se perdoem, mas que se responsabilizem, que inovem soluções adequando-se à sua vida de modo que cada um possa cumpri-las.

Recorrer à mediação não é somente uma forma simples de se remeter ao outro, é permitir-se ir mais longe através de um olhar mais respeitoso em relação ao próximo e possibilitar uma consciência social e mais afetiva.

---

<sup>3</sup> SALES, Lília Maia de Moraes. *Mediação de Conflitos*. Família, Escola e Comunidade. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.

<sup>4</sup> BARBOSA, Águida Arruda. O direito de família e a mediação familiar. *Direito de família e ciências humanas. Caderno de estudos*, São Paulo: Jurídica Brasileira, n. 1, 1997.

<sup>5</sup> BARBOSA, Águida Arruda. *Ib idem*.

## **BREVE HISTÓRICO**

Na literatura mundial tem-se a informação de que a China e o Japão, já promoviam a mediação desde a década de 50-60. Foram os imigrantes chineses que introduziram a cultura da mediação nos Estados Unidos.

Na África, é comum que as comunidades se reúnam em assembléia para resolver informalmente as desavenças interpessoais, de maneira cooperativa, onde uma pessoa respeitada por todos, é escolhida para ser o mediador. Conforme Gibbs<sup>6</sup> e Gulliver<sup>7</sup>, todas as comunidades africanas procuram resolver suas diferenças sem a presença de um juiz e sem uso de penalidades ou sanções. Assim, o consenso vigora e a assembléia que presencia as negociações reforça o cumprimento do acordo assumido pelos envolvidos.

Experiências de mediação já existem em diferentes países como: Alemanha, França, Inglaterra, Argentina, Espanha, Austrália entre outros e vem sendo utilizado por profissionais de diferentes áreas.

No Brasil, começou-se a falar em mediação na década de 80, tendo inicialmente aceitação na área trabalhista e comercial. Somente na década de 90, começaram a surgir os primeiros projetos em mediação familiar e comunitária.

Desde novembro de 2007, vem sendo implantado em Porto Alegre, através de uma parceria entre Associação da Magistratura do RS, Ministério da Justiça, Tribunal de Justiça do RS, Defensoria Pública e Centro de Proteção à Criança e ao Adolescente um Projeto de Justiça Comunitária, para fortalecer a cidadania pela informação, a conscientização em direitos e a ampliação de canais de diálogo entre os membros da comunidade, assim como, a preparação de lideranças comunitárias para atuarem como mediadores de conflitos em suas comunidades.

### **1.2 ÁREAS DA MEDIAÇÃO**

A mediação vem despertando cada vez mais o interesse dos profissionais que buscam efetivas e céleres maneiras de resolver conflitos através de intervenções mais humanizadoras e transformadoras.

---

<sup>6</sup> GIBBS (1963) APUD BARBOSA, Águida Arruda. *Ib idem*.

<sup>7</sup> GULLIVER (1979) APUD BARBOSA, Águida Arruda. *Ib Idem*.

Como método, pode ser usada em qualquer tipo de conflito, sempre respeitando os princípios de voluntariedade, capacidade de compreensão e equilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Mediam-se empresas em disputas, casais, vizinhos, professor e aluno, entidades patronais e empregados, sindicatos, questões ambientais e religiosas. A mediação é concebida como um saber de práticas multidisciplinares, sendo amplamente utilizada no âmbito do judiciário, na comunidade e nas escolas.

Atualmente no mundo, a intolerância em relação às diferenças de gênero, cultura, etnia, condição econômica e religiosa vem numa escalada crescente de violência.

Por favorecer o desenvolvimento da autonomia de vontade, valorizar o diálogo e a cooperação, a passagem pela mediação poderá possibilitar a geração de condições de convivência social mais respeitadas e uma mudança de atitudes em relação ao outro.

### **1.3 O MEDIADOR**

Conforme o filósofo francês Jean François Six<sup>8</sup>, a tarefa de todo mediador, é perceber a terceira dimensão e valorizá-la ali onde se tem a tendência de aplainar o real e de mostrar o mundo e os seres em duas dimensões. Fazer o terceiro é provocar as pessoas e situações para que elas não se deixem aprisionar no preto e branco, no maniqueísmo.

O mediador é um terceiro escolhido ou indicado pelas partes, alguém que gerencia e estimula a comunicação entre as pessoas em conflito, um profissional que procura trabalhar essencialmente na busca da paz, fazendo que as partes percebam o conflito de forma diferente.

A resposta primeira do mediador às emoções é reconhecer a dor e prosseguir com seu cuidado em relação aos participantes do encontro. Pessoas sensíveis e humanizadas conseguem fazer bem este trabalho de mediação.

Temos necessidade de mediadores sociais que não procurem conciliar a todo preço, tampouco polarizar a todo preço, mas que ajudem cada indivíduo a

---

<sup>8</sup> SIX, Jean-François. *Dinâmica da Mediação*. Trad. BARBOSA, Águida Arruda; NAZARETH, Eliana Riberti, GROENINGA, Giselle. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

reconhecer seu adversário, que respeitem às diferenças e construam conjuntamente soluções adequadas para uma melhor convivência.

A função do mediador não é arbitrar ou conciliar, resolvendo os conflitos com soluções impostas, mas sim facilitar a comunicação, traduzir o que é inescutível para o outro, ordenar as reclamações e os desejos para que possa ser compreendido pela outra parte, consolidar as coincidências e ajudar a trabalhar as divergências.

Ao mediador é imprescindível o desenvolvimento da escuta psicológica. Trata-se de um treino, inicialmente desenvolvido durante a formação do profissional. Procura-se desenvolver um diálogo interno, ponderando e suspendendo seu poder crítico e de pré-concepções, buscando apenas ouvir o seu interlocutor de forma plena e inteira. Sua escuta não tem como meta chegar a conclusões sobre como resolver o caso, apenas manter-se aberto e ouvir. É importante que o mediador, perante esta escuta possa identificar o tom emocional sendo empático com ele.

Nesse processo a palavra tem um papel de enorme gravitação, entretanto, também a comunicação pré-verbal é fundamental: atitudes, timbre e tonalidade afetiva da voz, o olhar. Muitas das coisas que não são ditas são expressas por intermédio do corpo.

Saber lê-las e traduzi-las em palavras ou ações é de grande utilidade para a dinamização do trâmite da mediação. A capacidade de ler o subtexto da mensagem verbal é extremamente útil, pois é algo que difere da interpretação psicológica, assemelha-se ao que ocorre no teatro, onde muitas vezes se diz sim querendo dizer o contrário.

O mediador deve ter ciência de que a palavra, o discurso, a história, a organização dos fatos têm a ver com a intenção de convencer o outro, de levá-lo a acreditar.

Interromper a narrativa do outro é tolhê-la em sua riqueza, não se sabe o que é o essencial, não existe um diagnóstico prévio. De acordo com Madanes<sup>9</sup>, quando alguém conta sua história está assumindo a autoria sobre sua vida.

A proposta é que o mediador possa ajudar a compor novas histórias e narrativas desconstruindo as primeiras, desencadeadoras de conflito na relação dos mediados.

---

<sup>9</sup> MADANES, Cloé. Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação. São Paulo, Psy, 1997 APUD MUSZKAT, Malvina Ester (Org.). São Paulo: Summus, 2003.

Uma das tarefas de grande importância do mediador na sua função de coordenador de grupos é auxiliar os participantes a pensar na possibilidade de perceberem um novo caminho, uma aceitação para um olhar diferente daquilo que se tornam verdades absolutas e inquestionáveis.

De narrativas alternativas que lhes permitam ver seus problemas sob novos ângulos. Ou seja, trabalhar com a desconstrução de atitudes rígidas e sentimentos de raiva, a fim de ampliar o seu espaço de consciência, convivência social e cidadania.

### 1.3.1 FORMAÇÃO

Desta forma, as teorias que convergem para sua organização como método de intervenção nos conflitos provêm de áreas científico-técnicas diversos: teoria da comunicação, teoria dos conflitos, teoria da negociação, teoria dos jogos. O mediador é treinado no uso de um método. Mas será o suficiente?

As questões de método e da adequação método-objeto foram contundentes ao longo do desenvolvimento da ciência ocidental e os saberes subjacentes na formação do mediador estão submetidos aos paradigmas vigentes.

Eliçabe-Urriol<sup>10</sup> (1993) expõe sobre a importância de um bom conhecimento do próprio corpo, de suas percepções e emoções, assinala que um intenso trabalho na linguagem corporal permite uma visão com atividade habitual, sendo isso de utilidade essencial na metodologia aplicada.

Conforme Arnoldo Guevara, na obra "Da Sociedade do Conhecimento à Sociedade da Consciência"<sup>11</sup>, a metodologia transdisciplinar talvez seja o passo mais significativo para que surjam outras metodologias que venham a transcender a própria transdisciplinaridade, complementando-a e levando a outros patamares de consciência cada vez mais universais, integrando a ética, a estética, os valores universais, a ciência nova, a complexidade, a espiritualidade, a biologia do amor, a dialogicidade que envolve tempo, espaço e conhecimento, pertinente a cada nível de realidade vivenciado pelos seres humanos.

---

<sup>10</sup> ELIÇABE-URRIOL, Daniel J. B. Ensayo: mediación familiar interdisciplinaria. Madrid, Editorial Asociación Interdisciplinaria Española Estudios de Damilia, 1993 APUD MUSZKAT, Malvina Ester (Org.). São Paulo: Summus, 2003.

<sup>11</sup> GUEVARA, Arnoldo José de Hoyos; Dib, Vitória Catarina. Da Sociedade do Conhecimento à Sociedade da Consciência. Princípios, Práticas e Paradoxos. São Paulo: Saraiva, 2007



Hoje não se pensa na conduta do mediador como um terceiro neutro, mas como alguém que busca uma posição de equidistância de ambas as partes.

Seu treinamento não significa deixar de lado seus sentimentos, sua percepção, seu olhar, mas sim compreender esta subjetividade da essência humana.

A educação para solução de conflitos tem como finalidade desenvolver a consciência social. Busca-se oferecer aos indivíduos as condições de desenvolvimento ou aprimoramento das habilidades subjetivas às estratégias de solução colaborativas de disputas, podendo ser incorporada nas escolas, na saúde, nas instituições públicas e privadas, nas prefeituras, no judiciário, na comunidade.

## 2. JUSTIÇA RESTAURATIVA

### 2.1 CONCEITOS DE JUSTIÇA RESTAURATIVA

Vemos entre os doutrinadores e literários vários conceitos para a Justiça Restaurativa, dentre os quais podemos citar alguns:

É um processo através do qual as partes envolvidas num crime decidem em conjunto como lidar com os efeitos deste e com as suas conseqüências futuras.<sup>12</sup>

A Justiça Restaurativa é, assim, uma forma diferente de perspectivar como é que todos nós, enquanto vítimas, infratores, autoridades policiais e judiciárias e comunidade em geral devemos responder ao crime. É um novo padrão de pensamento, que vê o crime não meramente como violação da lei, mas como causador de danos às vítimas, à comunidade e até aos infratores. Centra-se na ativa participação das vítimas, agressores e comunidades, muitas vezes concretizada através de encontros entre estes, num esforço para identificar a injustiça praticada, o dano resultante, os passos necessários para a sua reparação e as ações futuras que possam reduzir a possibilidade de ocorrência de novos crimes.<sup>13</sup>

(...) Justiça Restaurativa pode ser definida como um “movimento por intermédio do qual busca-se estimular a utilização de processos nos quais a vítima e o ofensor e, quando adequado, quaisquer outros indivíduos ou membros da comunidade afetados pelo crime, participem ativa e conjuntamente na resolução de questões originárias do crime, em regra com o auxílio de um facilitador”<sup>14</sup>

Apresentam-se ainda três elementos fundamentais para conceituar a JR, quais sejam: o elemento social – em que o crime é visto como algo que infringe a lei. A JR muda esse paradigma para redefini-lo como um ato violador de uma relação

<sup>12</sup> MARSHALL, 1997 APUD LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. Justiça Restaurativa e Mediação. *Revista Sub Judice-Ideias* n. 37, p. 66, 2006.

<sup>13</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*.

<sup>14</sup> Terminologia da Resolução n. 2002/12 do Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas. APUD AZEVEDO, André Gomma. Justiça Restaurativa e Mediação Vítima-Ofensor: Conceitos. *Estudos em Arbitragem, Mediação e Negociação*. UnB:. Ed. Grupos de Pesquisa, Série Grupos de Pesquisa n. 1 Vol. 4, p. 25, 2007.

social e não contra o Estado; o elemento participativo – todos os envolvidos participam, vítimas, ofensores e comunidade; o elemento reparador – busca-se a reparação do dano pelo ofensor, o processo é voltado para reparação da vítima.<sup>15</sup>

Pelo exposto, a Justiça Restaurativa é um processo através do qual as partes envolvidas em um ato que causou ofensa, reúnem-se para decidir coletivamente como lidar com as circunstâncias decorrentes desse ato e suas implicações para o futuro.

Para o próximo ponto se fará uma relação entre Justiça Restaurativa e Mediação Penal.

## 2.2 JUSTIÇA RESTAURATIVA E MEDIAÇÃO PENAL

Justiça Restaurativa e Mediação Penal são muito parecidas, apresentam entre si muitos pontos em comum como se compreende a seguir:

A justiça restaurativa abarca uma série de práticas, dentre as quais a mediação, mas, por ser um modelo em construção e em constante mutação, não há como delimitá-la a esta ou aquela medida.<sup>16</sup>

O autor compreende que o mediador apresenta neutralidade e confiabilidade, o que traz como consequência para o mediado garantias, se o caso segue para o sistema legal, mas no entanto, faz perder responsabilidade por seus atos quando descobre essas possibilidades. Na justiça restaurativa, o ressarcimento, a restituição podem ser consequências viáveis, mas não alcança o poder de comunicação que a mediação possui.<sup>17</sup>

Portanto, o ideal seria que a Justiça Restaurativa venha em conjunto com a mediação penal, ambas complementando uma à outra.

(...) a mediação representa a modalidade de aplicação da justiça restaurativa que melhor promove a reapropriação do processo penal pelas partes, enquanto outras formas de justiça restaurativa permanecem fundadas na função de autoridade do Estado.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*.

<sup>16</sup> SICA, Leonardo. *Justiça Restaurativa & Mediação Penal*. Novo Modelo de Justiça Criminal e de Gestão do Crime. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007, p. 72.

<sup>17</sup> SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 73.

<sup>18</sup> (SCARDACIONE;BALDRY,SCALY, 1998, p. 14) APUD SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 73-74.

## 2.3 HISTÓRICO

A Justiça Restaurativa é uma metodologia recente, principalmente nas áreas de vitimologia e criminologia. Surgiu em meados da década de 70, nascendo associada com a justiça retributiva, esta já fracassada.<sup>19</sup>

Compreende-se que a punição, elemento da justiça retributiva, não reabilita e não promove alteração de comportamento do infrator, não responde positivamente o sistema criminal atual.<sup>20</sup>

Em contrário *sensu*, a justiça restaurativa aponta um caminho, pois prioriza os interesses da vítima, há reabilitação dos infratores, atua positivamente na sociedade.<sup>21</sup>

Na América do Norte, mais precisamente no Canadá é onde se desenvolveram as práticas restaurativas, os embriões, com maior intensidade. No entanto, no Oriente se encontram relações com elementos restaurativos encontrado em tradições atávicas dos antigos povos.<sup>22</sup>

No Japão, local onde tem as menores taxas de criminalidade, a justiça local é baseada na conciliação e compromisso e possui o perdão judicial ao contrário da nossa justiça retributiva que trata como mera ficção. Ainda, no Japão, as práticas restaurativas revertem os índices de violência em que a taxa de encarceramento é de 45 por 100.000 habitantes, já nos EUA o número passa de 400.<sup>23</sup>

Em outro sentido, a Nova Zelândia e Canadá tiveram a justiça restaurativa desenvolvida com base nos modelos de justiça dos povos indígenas (povo maori e os aborígenas e as First Nations) nos quais havia resolução de conflitos com a comunidade e a implementação de soluções holísticas.<sup>24</sup>

Zehr viu que as tradições indígenas, em muitas, há o uso de elementos de justiça restaurativa e retributiva também, apesar de haver o resgate dessas tradições, a nova justiça não é “uma simples recriação do passado”, mas uma nova

---

<sup>19</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*, p. 37.

<sup>20</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*, p. 37.

<sup>21</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*, p. 37.

<sup>22</sup> SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 22.

<sup>23</sup> SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 22.

<sup>24</sup> SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 22-23.

“adaptação de alguns valores básicos, princípios e abordagens dessas tradições”, tudo voltado para a nova realidade.<sup>25</sup>

Cabe ainda destacar que o desenvolvimento do movimento restaurativo na África do Sul, assim exposto pelo autor:

Outra evidência interessante das origens da justiça restaurativa e dos valores que devem informar qualquer projeto que pretenda efetivá-la como alternativa real e não mais como mais um braço da burocracia estatal-policial, está a coligação entre o ideal africano de *ubuntu* e os esforço para superar o sentimento de vingança remanescente do *apartheid* na África do Sul, por meio do trabalho das Comissões para Verdade e Reconciliação (ver capítulo 2, tópico 2.1.7), cujos esforços, inspirados nos princípios de justiça restaurativa, no sentido de “superar a distância entre duas posições aparentemente inconciliáveis” ensinou um modelo que Adolfo Ceretti (2002) qualificou como uma “revolução negociada”.<sup>26</sup>

Pelo exposto, a justiça restaurativa cresce a passos largos, tanto fora do Brasil, já em pleno desenvolvimento, como no nosso país, ainda em desenvolvimento.

---

<sup>25</sup> ZEHR, Howard. *Trocando as Lentas*. Um novo Foco sobre o Crime e a Justiça Restaurativa. São Paulo: Palas Athena, 2008, p. 256-257.

<sup>26</sup> SICA, Leonardo. *Ib Idem*, p. 24.

## 2.4 PRINCÍPIOS E VALORES DA JUSTIÇA RESTAURATIVA

A justiça restaurativa apresenta valores e princípios a serem seguidos que os distinguem de outros modelos de resolução de conflitos, assim abordados: <sup>27</sup>

1. **Participação:** Deve haver participação direta dos envolvidos, vítimas, ofensores e suas comunidades. O Estado apenas orienta. Todos os envolvidos contribuem na reunião;
2. **Respeito:** Todos devem ser respeitados independente de credo, religião, cor e status, pois gera confiança e boa fé entre os envolvidos;
3. **Honestidade:** A honestidade elucida os fatos, apresenta os sentimentos reais e como conseqüência a responsabilização;
4. **Humildade:** A humildade faz reconhecer a humanidade e falhas de cada ser humano, com suas fragilidades, dizendo que há algo em comum com a vítima e ofensor mais do que pensam. Traz a empatia entre os envolvidos;
5. **Interconexão:** Há conexão entre vítima e ofensor, ambos são partes de uma mesma sociedade e estão “interligados por uma rede de relacionamentos”. Também a justiça restaurativa ajuda na responsabilização de todos os envolvidos, na restauração da vítima e na reintegração do ofensor;
6. **Responsabilidade:** Busca-se através da justiça restaurativa a responsabilização do ofensor, pois este, para que o caso tenha sucesso, deve aceitar as conseqüências de seus atos e reparar a vítima, buscando ainda, dentro do possível, o perdão desta, pois este é o caminho para a reconciliação;
7. **Empoderamento:** Quando ocorre um crime, a vítima perde sua autonomia naquele momento, o controle sobre sua vida. A justiça restaurativa busca trazer este poder de volta para ela, propiciando um papel ativo, buscando suas reais necessidades e como satisfazê-las. Também há empoderamento dos ofensores no momento de sua responsabilização, quando estes fazem o possível para reparar o dano à vítima;
8. **Esperança:** Não importa quão grave foi o delito, é sempre possível a comunidade apoiar e promover a mudança, porque não há a procura da penalização e sim buscar as reais necessidades dos envolvidos. Há esperança de “cura para as vítimas”, há esperança de “mudança para ofensores” e maior “civilidade para a sociedade”.

---

<sup>27</sup> MARSHALL, Chris; BOYARD, Jim; Bowen, Helen. *Como a justiça restaurativa assegura a boa prática: uma abordagem baseada em valores*. In. SLAKMON, C; DE VITTO, R.; PINTO, R. Gomes (Org.) *Justiça restaurativa*. Brasil: Ministério, PNUD, 2005 APUD *Justiça para o Século 21 – Instituinto Práticas Restaurativas. Cartilha de Iniciação em Justiça Restaurativa*. p. 18-19

## 2.5 O PAPEL DO FACILITADOR

Para realizar o processo restaurativo deve o facilitador possuir algumas qualidades a fim de que os resultados da realização dos círculos sejam efetivos e positivos nesse processo.

- a. Qualidades: Para ser um coordenador de círculos deverá possuir algumas qualidades dentre elas: capacidade de escutar, de perdoar, de manter o processo em movimento, de apreciar o bom humor, de preservar o Círculo como um espaço seguro para todos, de não julgar. E ainda, é importante ter presença ativa, ser solidário, justo, inclusivo, valoroso, reflexivo, confiável, alentador, respeitoso, atento, tolerante, humilde. E mais, organizado, paciente, disciplinado, acessível, íntegro, honesto, flexível, apreciado pelas demais pessoas e aberto a opiniões diferentes.<sup>28</sup>
  
- b. Funções: Ser um coordenador não implica necessariamente em ser carismático, líder ou mediador, mas deve ser radicalmente respeitoso com todos que participam do processo restaurativo. Ele deve garantir ainda, que todos os envolvidos no processo assumam responsabilidades de manter o círculo e transformar num espaço seguro e propício ao diálogo, a interação entre os envolvidos. Pode também haver um co-coordenador, ou seja, a realização em dupla com o coordenador-facilitador. Co-facilitador pode atuar tanto ativamente, contribuindo nas intervenções junto com o facilitador, como observador e registrador dos fatos.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. *Manual de Práticas Restaurativas*. BRANCHER, Leoberto, TODESCHINI, Tânia B.; MACHADO, Cláudia. Porto Alegre: AJURIS, 2008. p. 10-11

<sup>29</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. *Ib Idem*, p. 10-11

## 2.6 PROCEDIMENTOS RESTAURATIVOS

O processo restaurativo é dividido em três fases: Pré-círculo, Círculo e Pós-Círculo.

### PRÉ-CIRCULO

É a primeira fase e também o primeiro contato com os envolvidos no conflito, no qual o coordenador capta as informações sobre o fato que se converteu no conflito. Também é coletado as informações básicas, como dados pessoais, local, pessoas envolvidas. E ainda, o passo mais importante, o encontro só ocorre se for voluntário e se o ofensor admitir a responsabilidade sobre o fato praticado.<sup>30</sup>

Há a reunião com cada participante, ofensor, vítima e comunidade envolvida, para criar ambiente e empatia com cada um. O facilitador também faz o planejamento para o atendimento na fase do círculo<sup>31</sup>

Outro detalhe é avaliação do coordenador sobre o caso, através de princípios e critérios eletivos, ele determina se este deverá prosseguir para o passo seguinte, a fase do Círculo, enfim, se o presente conflito poderá ser tratado por métodos restaurativos.<sup>32</sup>

### CÍRCULO RESTAURATIVO

Na fase do círculo restaurativo é feito o processo de acolhimento, momento também no qual o coordenador exercita a sua escuta do caso e promove o diálogo entre todos os envolvidos no processo, esclarecendo suas dúvidas e anseios sobre o fato que deu origem ao conflito.<sup>33</sup> Neste estágio é quando realmente há o encontro entre os seres humanos, despindo-se de papéis e entregando-se ao momento ritualístico.

---

<sup>30</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. Ib Idem, p. 11

<sup>31</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. Ib Idem, p. 11

<sup>32</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. Ib Idem, p. 11

<sup>33</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. Ib Idem, p. 13



Essa fase apresenta três momentos:<sup>34</sup>

1. Compreensão mútua: Foco nas necessidades atuais;

Nesse primeiro momento o foco está voltado para as necessidades atuais dos envolvidos em relação ao fato ocorrido e “orientado para compreensão mútua destas necessidades”.

2. Auto-responsabilização: Foco nas necessidades ao tempo dos fatos;

No segundo momento está voltado para as necessidades dos envolvidos no tempo dos fatos acontecidos, na época em que ocorreu. Em geral é ofensor que se manifesta assumindo a responsabilidade.

3. Acordo: Foco em atender as necessidades.

O terceiro momento é direcionado ao atendimento das necessidades dos envolvidos a serem atendidas e a realização do acordo. Há o diálogo entre todos para a formulação do acordo propiciando uma maior efetividade no seu cumprimento. O termo do acordo é redigido pelo facilitador e assinado pelos presentes, após o mesmo faz um relatório do caso.

## **PÓS-CÍRCULO**

A fase do pós-círculo é um momento em que os envolvidos são convidados a participarem de uma avaliação, de como o acordo foi cumprido e se foi satisfatório para todos. Normalmente este pós-círculo é marcado 30 dias após a realização do círculo restaurativo. Caso o acordo não tenha sido cumprido ou foi insatisfatório, é verificada a oportunidade de assumirem novas ações para reparação do dano, onde inclusive o coordenador auxilia com algumas sugestões. Na maioria dos casos os próprios participantes decidem os procedimentos a serem adotados para a realização do acordo ou de um novo acordo com a realização de um novo círculo se necessário.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. *Ib Idem*, p. 14-16

<sup>35</sup> Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. *Ib Idem*, p. 17-18

## 2.7 BENEFÍCIOS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA

A justiça restaurativa apresenta vários benefícios para a sociedade em geral, seja por ser um método diferente do retributivo (restaurativo), seja por dar autonomia às partes resolverem seus conflitos.

Lázaro compreendeu esse momento, que a participação das partes, o infrator, a vítima e a comunidade, propiciam a expressão de sentimentos, demonstra as conseqüências dos delitos e responsabiliza o ofensor, atende as necessidades da vítima com sua reparação pelo infrator, e na sociedade, na recuperação da “paz social”.<sup>36</sup>

O autor ainda dividiu em três pontos as vantagens e benefícios:<sup>37</sup>

### 1. Para as vítimas:

- conhecer o infrator e desmistificar a sua figura;
- confrontar o infrator com o impacto que o crime lhe causou, expressando os seus sentimentos, verbalizando a forma como a sua vida foi afetada pelo crime, as suas emoções e necessidades;
- formular perguntas que somente o infrator poderá responder;
- receber um pedido de desculpas;
- receber justa reparação pelo infrator dos danos materiais e morais;
- participar mais ativamente na solução do caso;
- evitar a morosidade do processo penal e o conseqüente efeito revitimizador;
- “encerrar o assunto” o que pode trazer paz de espírito.

### 2. Para os infratores:

- assumir a responsabilidade por seu ato;
- explicar seu comportamento;
- tomar consciência dos efeitos resultantes do crime na vítima e compreender a verdadeira dimensão das conseqüências do seu comportamento, o que aumenta a verdadeira possibilidade do arrependimento;
- pedir desculpa;
- proporcionar a vítima justa reparação;
- atuar no futuro acordo;

---

<sup>36</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*, p. 66.

<sup>37</sup> LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. *Ib idem*, p. 67.

- promover a reinserção social, reabilitando-o junto a vítima e da sociedade e contribuindo para a redução da reincidência.

### **3. Para a comunidade:**

- aproximar os cidadãos da realização da Justiça, permitindo a sua participação na resolução dos conflitos ocorridos no seio da sua comunidade;
- reduzir o encarceramento;
- promover a pacificação social;

### **4. Para o sistema tradicional de justiça criminal**

- contribuir para a individualização das respostas jurídico-penais face às características de cada caso;
- promover a aproximação e compreensão do sistema judicial pelos cidadãos;
- contribuir para a melhoria da imagem da Justiça junto a comunidade;
- promover a resolução rápida dos litígios;
- contribuir para a prevenção da litigiosidade, a criação de novos conflitos;
- contribuir para a redução do volume de processos no sistema tradicional de justiça criminal;
- reduzir os custos com o encarceramento

### 3. COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

#### 3.1 O QUE É A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA (CNV)?

A Comunicação Não-Violenta (CNV) é um processo de linguagem que nos capacita a ouvir e conectar com os sentimentos e necessidades que estão por trás dos nossos julgamentos. É um processo para inspirar conexões. A CNV pode nos ajudar a evitar conflitos, bem como resolvê-los pacificamente, parte da observação de que a crescente violência que nos cerca e na qual estamos inseridos é reflexo de um padrão desumanizador que contribui para a violência contra nós mesmos, os outros e o mundo à nossa volta. Ajuda-nos também a perceber o que está por trás dos julgamentos e expressões que os outros comunicam através do uso da linguagem (verbal e não-verbal). É imprescindível sabermos ouvir e falar com compaixão, utilizar de uma comunicação não violenta para nos comunicarmos com o outro.

Ensinada há mais de 40 anos por uma rede mundial de mediadores e facilitadores, foi desenvolvida, pelo psicólogo americano, mediador internacional e fundador do Centro internacional de Comunicação Não-Violenta, Dr. Marshall Rosenberg.

Mundialmente a CNV é reconhecida como parte de programas pela prevenção de violência em diversos países, como Itália, Israel, Inglaterra, Dinamarca, Estados Unidos, Suécia, Sérvia, enfim nos mais variados tipos de cultura.

Vem sendo amplamente utilizada desde a educação infantil até nas universidades, como meio prático e eficaz em favor da paz.

Nas palavras de Lia Diskin (fundadora da Associação Palas Athena. São Paulo), "A Comunicação Não-Violenta, além de ser uma via de auto-conhecimento, é um instrumento eficiente e mais do que oportuno para capacitar aqueles que comprometidos com a implementação de uma Cultura de Paz, visam se auto-educar para restabelecer a confiança mútua entre pessoas, instituições, povos e nações."<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação Não-Violenta*. Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais. São Paulo: Agora, 2009. Prefácio.

Usa-se a expressão “Não-Violenta” no mesmo sentido em que Gandhi utilizava ao se referir à compaixão que o ser humano expressa de um modo natural quando seu coração renuncia a violência. Não-Violência refere-se a uma série de conceitos sobre moralidade, poder e conflitos que rejeitam completamente o uso da violência nos esforços para a conquista de objetivos sociais e políticos. A não-violência nos ensina que o poder depende da cooperação de outros tantos, assim, a não-violência faz desmoronar o poder dos dirigentes quando consegue extinguir grande parte desta cooperação. Mesmo que não consideremos “violenta” nossa atitude de falar, nossas palavras e gestos podem ofender ou ferirem não somente aos demais, como também a nós mesmos.

A CNV é estruturada para nos auxiliar a atender as necessidades de todos numa situação, e estabelecer uma conexão humana entre as partes. Uma conexão em que as pessoas gostem de contribuir para o bem-estar do outro, fazendo uso de uma linguagem que não julga e não sentencia, por isso Marshall denominou-a de ‘linguagem do coração’.

### **3.2 PRINCÍPIOS DA CNV**

A- Fortalecer nossa habilidade de inspirar compaixão para com os outros e responder da mesma forma aos outros e a nós mesmos;

B- Compreender as atitudes das outras pessoas, por mais que tenham sido agressivas e prejudicado alguém;

C- Resolver conflitos por meio do diálogo e não da violência;

D- Conhecer as motivações de cada atitude praticada e, assim, evitar sentimentos como raiva, culpa, vergonha, angústia e depressão;

E- Ter em mente que a raiz da violência está na forma de como nos comunicamos e não numa patologia qualquer;

F- Ter consciência que a violência é causada pela crença de que outras pessoas causam nossa dor e, por isso, merecem serem punidas.

G- Entender que, mesmo que não consideremos o modo como falamos 'violento', nossas palavras, muitas vezes, levam a feridas e dores.

### 3.3 OS COMPONENTES DA CNV

Baseia-se em quatro componentes (Observação, Sentimento, Necessidade e Pedido).

Com a aplicação desses componentes, desenvolvemos uma capacidade de:

a) expor os fatos de uma situação sem fazer uso de interpretações ou opinião (Ah! Eu acho que... ou Se eu fosse você faria..., você só age assim porque...);

b) reconhecer os sentimentos que estão escondidos por debaixo de uma manifestação violenta;

c) Identificar quais necessidades humanas que estão ou não sendo atendidas;

d) apontar quais ações, atitudes que gostaríamos de ver sendo executada pela outra pessoa, a fim de atender o nosso bem-estar, desde que não seja às custas do sacrifício do outro, pois precisa ser bom para ambos.

A essência da CNV está em nossa consciência desses quatro componentes, não nas palavras que efetivamente são trocadas.

A CNV conforme Marshall<sup>39</sup> nos ajuda a nos ligarmos uns aos outros e a nós mesmos, possibilitando que nossa compaixão natural floresça. Ela promove maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca o desejo mútuo de nos entregarmos de coração.

---

<sup>39</sup> ROSENBERG, Marshall B. *Ib Idem*.

## 4. EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

### 4.1 Conceito

A base epistemológica da Educação Biocêntrica se encontra no Princípio Biocêntrico que gerou o conceito de vivência de Rolando Toro Araneda<sup>40</sup>, mas também leva em consideração os estudos de Vygotsky sobre a construção do sujeito da realidade como processo histórico-cultural, uma relação sócio-interacionista, como na construção do conhecimento crítico a partir do diálogo amoroso que fundamenta o pensamento de Paulo Freire. Caminhamos no sentido da construção do ser cognoscitivo-afetivo-condutual em um mundo histórico-cultural. Por isso adotamos o que já é prática na Educação Holística: a visão transdisciplinar.

A transdisciplinaridade foi mencionada pela primeira vez por Piaget como uma dimensão interna da forma como o pensamento se expressa no mundo e nas pessoas tendo como referência não apenas o intelecto, mas passando pela percepção e sensação. Uma maneira de ver, sentir, estudar e construir ciências.

Estar ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e principalmente além de qualquer disciplina. É o fim do pensamento que dividia as ciências (humanas, exatas, biológicas, e da informação) entre a objetividade e a subjetividade. É uma postura, uma atitude do humano perante o conhecimento, o pensamento e o mundo. Abarca diversos âmbitos da aprendizagem e do desenvolvimento humano e social tanto na educação formal, nos seus diversos níveis de escolaridade, quanto na educação informal, nas organizações, comunidades e movimentos sociais.

Para Toro<sup>41</sup>, a Educação Biocêntrica é um conceito diferenciado uma vez que parte de um novo paradigma das Ciências Humanas, denominado Princípio Biocêntrico, cujo objetivo é a conexão com a vida.

Propondo uma inversão paradigmática, a Educação Biocêntrica objetiva a expressão da Identidade e a construção da Autonomia através de um processo de dentro para fora.

---

<sup>40</sup> Rolando Toro, nascido no Chile em 1924, é psicólogo, antropólogo e poeta. Foi docente do Centro de Antropologia Médica na Escola de Medicina da Universidade do Chile; ocupou a cátedra de Psicologia da Arte e da Expressão no Instituto de Estética da Pontifícia Universidade Católica do Chile; é professor emérito da Universidade Aberta Interamericana de Buenos Aires. Viveu na Argentina, no Brasil e na Itália; retornou ao Chile em 1988, de onde coordena, atualmente, as atividades da International Biocentric Foundation. In Toro, Rolando. *Biodanza*. 2ª ed. São Paulo: Olavobras, 2005.

<sup>41</sup> TORO, Rolando. *Biodanza*. São Paulo: Olavobrás, 2002.

Nas palavras de Ruth (2006) "A Educação Biocêntrica tem um compromisso com a vida, buscar uma reeducação afetiva e, particularmente cultivar as energias conservadoras da vida, que são os instintos."

Reconhecer o outro implica muito mais do que uma atitude ética: significa desenvolver pelo outro uma relação emocional que se exprime na afetividade, no amor incondicional aos semelhantes, na relação fraterna, solidária e altruísta.

A Autonomia se constrói a partir das potencialidades do ser humano, daquilo que cada um é como indivíduo, daquilo que recebeu como herança genética. A expressão da Identidade se dá na relação com o outro e com o mundo. Ao ser reconhecido pelo outro e ao reconhecê-lo como semelhante mas distinto, eu me identifico como ser único e singular. Ao me inserir e integrar ao mundo, passo a fazer parte dele e do todo.

O ponto de partida para a mudança das relações culturais, estéticas, sensíveis e biográficas do ser são as interações, a sensibilidade como movimento em conexão com outras realidades. De acordo com a Física Quântica, nós criamos o mundo que observamos.

Lamentavelmente, a sociedade contemporânea está profundamente marcada por padrões individualistas que estimulam a competição e a dominação. Em decorrência, sofremos de uma patologia afetiva ostensiva, que gera falta de amor a si mesmo e ao outro, baixa auto-estima e dificuldade de contatos saudáveis.

Afetivamente, estamos mergulhados no nível da sobrevivência. É preciso buscar a vida!

Rolando Toro diz que precisamos criar novas pautas internas para viver. Cabe à educação criar novos espaços e tempos para que as pessoas possam sentir que o caminho do cuidado e da afetividade pode ser vivido e não apenas esperado!

Se uma pessoa vivencia permanentemente a competição, o individualismo e a dominação, não podem criar emergências de uma prática afetiva saudável. Para criar relações de vida é preciso vivê-las e não esperá-las; para amar é preciso sentir e não imaginar.

Educar corresponde, primeiramente, à descoberta de possibilidades humanas por estar no mundo.



Alguns dizem que educação indica uma visão de mundo. Ver é uma possibilidade. Mas existem outras formas de aproximação ao que está no mundo. Infelizmente, tais formas são negadas pela tradição pedagógica.

À Educação Biocêntrica cabe resgatar todos os sentidos do mundo para se educar.

Os materiais da educação não estão cerrados em salas, confinados em escolas ou quaisquer instituições. Os materiais da educação não se prendem a locais fixamente determinados; eles não se deixam aprisionar, circulam em diferentes espaços e tempos, das formas mais variadas e por vezes inesperadas. Os materiais da educação só podem ser buscados na VIDA em que vivemos.

Nas palavras de Rolando Toro<sup>42</sup>, a definição mais essencial da inteligência seria “a capacidade afetiva de estabelecer conexões com a vida e relacionar a identidade pessoal com a identidade do universo”.

Nesta perspectiva a percepção-afetividade é merecedora de um destaque. Nas palavras de Toro<sup>43</sup>, “As relações entre percepção e afetividade já foram demonstradas nas investigações sobre a percepção em ‘habitação de perspectivas alteradas de Ames”.

Toro defende a urgência da educação como uma nova forma de ser diante de si mesmo, de seus semelhantes e junto à natureza.

Não se trata, portanto, de cultivar só o intelecto, mas essencialmente o desenvolvimento da afetividade. Para alcançar este objetivo é necessário que as crianças aprendam a vivenciar, isto é, a sentir com intensidade, aqui e agora, sua experiência com a vida.

O conhecimento biocêntrico se configura a partir da possibilidade de conhecermos a realidade, que está na totalidade do nosso organismo: os sentidos, os instintos, a emoção, o sentimento e a nossa racionalidade integrados num único e complexo organismo.

Em nossas células temos um potencial genético de conhecimento que se alarga para a estrutura dos sentidos, dos instintos, da emoção, do sentimento e da racionalidade. Esta estrutura é a estrutura formal do conhecimento pedagógico centrado na vida.

---

<sup>42</sup> TORO, Rolando. Ib Idem.

<sup>43</sup> TORO, Rolando. Ib Idem. .

A idéia básica não é a de desqualificar a formação intelectual ou tecnológica; coloca-se a ênfase no estímulo dos potenciais genéticos que constituem a estrutura básica da identidade.

Apresentamos aqui, sinteticamente, 5 (cinco) elementos constitutivos da Educação Biocêntrica segundo Rolando Toro<sup>44</sup> :

1. A Educação Biocêntrica se fundamenta no paradigma das ciências humanas: o princípio biocêntrico.
2. O Princípio Biocêntrico põe sua prioridade absoluta nas ações que permitem a conservação e evolução da vida, estimulando a expressão dos instintos e o desenvolvimento afetivo através das protovivências e vivências integradoras.
3. Metodologicamente utiliza o Sistema Biodança como mediação entre a educação tradicional e a proposta biocêntrica. Isto significa incorporar os novos conteúdos programáticos à prática educativa e à metodologia.
4. Os fatores ambientais constituem os ecofatores de integração com a natureza e com o semelhante. Os ecofatores se organizam em torno do amor, da natureza, da sacralidade da vida e do amor ao semelhante.
5. Os conteúdos são: expressão da identidade (potenciais genéticos); renovação orgânica; harmonização do inconsciente vital; afetividade integrada; criatividade, inovação existencial e artística; expansão da consciência (ética); percepção da unidade cósmica; desenvolvimento da inteligência afetiva e da razão crítica; prazer de viver.

A Educação Biocêntrica introduz a dimensão que tem sido negligenciada ao longo dos séculos: a afetividade. A esperança de Toro está depositada na conexão afetiva, na mensagem que vem do coração de maneira não intelectualizada, mas vivencial para que a vida possa ser encarada de uma maneira mais sensível e humana. A educação rousseauiana está longe de fomentar o vínculo afetivo entre as pessoas. No entanto, o sentimento é a faculdade mais elevada, mediante a qual se atinge a interioridade e se cultivam valores que constituem a humanidade como: a verdade, a bondade, a piedade: “Para tornar-se sensível e piedoso, é preciso que

---

<sup>44</sup> TORO, Rolando. Ib Idem. .

a criança saiba que há seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que sentiu, e outras de que deve ter idéia como as podendo sentir também” (ROUSSEAU, 1973, p. 245).

Como vimos anteriormente, Toro critica a educação intelectualista e em seu lugar propõe que a educação seja pautada numa metodologia vivencial. A partir desta crítica feita por Rolando e alguns pensadores, podemos perceber o quanto é urgente propostas inovadoras para a educação que valorizem o próprio viver e o cultivo à expressão das emoções.

A escola que está aí, segundo Toro é arcaica e refratária à mudança. Os ensinamentos que são veiculados por essa instituição não dão conta das demandas do homem contemporâneo, nem das suas necessidades em relação à intimidade com a natureza, à confiança em si mesmo, à mudança e à aprendizagem do amor.

A Educação Biocêntrica visa o desenvolvimento otimizado destes potenciais de vida e a expressão de uma identidade relacional e amorosa.

A Educação Biocêntrica necessita ter uma intencionalidade: promover a (re)educação afetiva de homens e mulheres, para que estes possam resgatar sua sensorialidade viva e requerer, em comunhão com os seus semelhantes e com a natureza, a construção de uma sociedade altruísta. Somente (re)educados afetivamente, esses adultos aprenderão a importância de educar as suas crianças para a auto-aceitação e o auto-respeito, condições indispensáveis para que elas aceitem a diversidade da vida, respeitem todas as manifestações que pulsam no universo, se tornem adultos livres e com responsabilidade social.

Para mim, a Educação Biocêntrica é um PORTAL de recuperação de nossa humanidade, hoje desconfigurada pelo estilo de viver patológico e que está latente em cada fio do tecido social. Como um PORTAL, penso que a Educação Biocêntrica não quer se apresentar como um modelo substitutivo às demais práticas educativas, mas como um paradigma teórico-prático evolucionário. E como tal, se inspira numa radicalidade ético-estética, cujo fundamento é a defesa incondicional da vida em todas as suas expressões. Isso me convida a intuir então, que a Educação Biocêntrica é um paradigma do cuidado e pode promover a cura (no sentido proposto por Heidegger, 2005) das práticas educativas, como mediação pedagógica fundante de um novo modo de ser-estar-no-mundo (Mafessoli, 1996), em comunhão com a vida.

Heidegger, para quem o ato de cuidar tem uma compreensão filosófica, lembra que este é entrelaçado ao ser e ao tempo porque somos os únicos seres que se preocupam com o futuro e com as possibilidades que a vida pode nos ofertar. Assim, se cada um de nós toma o cuidado como princípio guia da existência, esta será a confirmação de nosso modo de ser-estar-em-relação com a vida e com o mundo. Cada um de nossos atos como seres cuidadosos, então, será de atenção para consigo, para com o outro, o meio e as subjetividades que vão interceder neste encontro.

É no campo desta solidariedade, portanto, que o outro jamais me é indiferente e tudo que a ele acontece, converte-se em extensão do meu próprio ser. Por isso, tanto a dor, quanto a alegria de alguém se transforma na minha dor e na minha alegria, como sujeito cuidador. É essa atitude ética, e sensivelmente estética, creio eu, que pode impulsionar as manifestações de cura desta dor e potencializa esta alegria. O cuidado, quase sempre esteve vinculado ao sentido de “cuidado de si”, possibilitando à pessoa uma reflexão procedente sobre o seu estilo de viver. Mas isso não significa uma ausência de cuidado para com o outro. Só podemos nos reconhecer em nossa humanidade, na presença de um outro ser humano, meu semelhante e diferente. É este outro que autoriza o meu auto-reconhecimento, que desperta o sentido de uma convivialidade cooperativa e situada no contexto sócio-cultural.

- Identificar as marcas das relações patriarcais entre os componentes de um grupo, nos espaços onde temos a oportunidade de dançar a Educação Biocêntrica. Este é um desafio formidável. Em geral, essas marcas se traduzem nos preconceitos visíveis e sutis que constroem as falas; no estilo do contato, cada vez mais veloz porque a intimidade e a aproximação corporal são insuportáveis para muitos; nos discursos viciados que querem, a qualquer custo, convencer os demais e impor seus pontos de vista; nos racismos anunciados sobre os pobres, os negros, os deficientes, as mulheres, os homossexuais, os não escolarizados...; nos machismos revelados através de estereótipos clássicos (isso é coisa de homem, vocês são brancos que se entendam, homem não chora...); nos jogos de cumplicidade para competir com os demais; nas hierarquias instituídas; nos padrões de favorecimentos de uns, e da perseguição de outros... Oportunizar, então, que o grupo possa dançar

outras experiências de convivência, por isso, os exercícios da Linha da Afetividade são tão relevantes.

Como afirma Cezar Wagner, a Educação Biocêntrica é uma proposta pedagógica que busca, através do diálogo (Freire, Rogers) do movimento da Vivência Biocêntrica (Toro) <sup>45</sup>, facilitar um processo educativo voltado para uma vida mais saudável, assim como para a construção do conhecimento crítico e integrado com a realidade. Incorpora dimensões éticas e dialógicas, em uma visão na qual a pessoa é considerada com um ser inteiro, que pensa, sente, fala e age em cooperação com os outros. Como a Educação Dialógica, ela parte da ação e do diálogo; como a Educação Holística que busca a paz, a consciência cósmica e ecológica, a vivência de plenitude para todos os homens e mulheres, ela parte do enfoque holístico, de uma visão do ser humano como um todo integrado assim como de uma visão construtivista, tendo por base dois grandes estudiosos do psiquismo humano: Vygotsky e Piaget.

A Educação Biocêntrica, como uma das integrantes dessa tendência, se destaca quando prioriza o deflagrar da inteligência afetiva partindo da vivência para a consciência.

Desse modo, os fatos sócio-históricos enquanto perspectiva de transformação ou de alienação, como em Freire e Vygotsky e a Vivência em Toro<sup>46</sup>, podem ser vistos de modo integrado. É uma concepção de Educação baseada na vida, na cultura e na sociabilidade, sem perder seu caráter próprio de Educação que objetiva o ensino-aprendizagem. Temos, portanto, a base epistemológica da Educação Biocêntrica nestes três autores que formam os pilares desta abordagem educacional tendo como raiz a vida instintiva e a vivência levando à construção do conhecimento crítico, do desenvolvimento humano e da mudança social numa relação de integração do processo cognoscitivo-afetivo e do papel dos sentimentos no processo da consciência e da conscientização. São eles o eixo pra trabalharmos os conceitos, o método e as técnicas da Educação Biocêntrica.

---

<sup>45</sup> TORO, Rolando. *Ib Idem.* .

<sup>46</sup> TORO, Rolando. *Ib Idem.* .

O enfoque principal não é a inteligência, mas sim a articulação entre ela, o organismo como um todo, o corpo, o desejo e o prazer em relação amorosa com o outro integrado à totalidade. É o educando como sujeito do processo educativo, não havendo dicotomia entre o aspecto cognitivo e o afetivo, mas uma relação dinâmica, prazerosa dirigida para o ato de conhecer-se, conhecer o outro e conhecer o universo, na qual o saber entra pelos sentidos e não apenas pelo intelecto; porém uma relação na qual o educador é, acima de tudo, um artista, um político, um cuidador sem neutralidade, porém a favor da vida dentro de uma visão do todo social. Ele sabe que aprender faz parte do ato de libertar-se, e que a aprendizagem depende da criatividade, onde quer que estejamos, seja Escola, na empresa, na comunidade, ou nas ações de inclusão social.

Entendemos que a aprendizagem não se dá apenas pelo cognitivo, mas também pela percepção, pelo sensorial, pela intuição, enfim, pela vivência; que a consciência se incorpora ao âmbito da emocionalidade e o mundo vivo do educando passa a ser o que move a aprendizagem.

Assim constatamos que a educação centrou-se, última-mente, no acúmulo de conhecimento e preparação intelectual e tecnológica tanto dos educandos quanto dos educadores, esquecendo outras dimensões de necessidades do ser humano. Segundo Cândida Morais:

Se estamos preocupados em formar indivíduos criativos, cooperativos, solidários e fraternos, mais integrados e harmoniosos, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais, teremos de optar por um tipo de paradigma educacional diferente dos modelos convencionais atuais e que, por sua vez, foram influenciados por determinadas correntes psicológicas e filosóficas ancoradas num determinado paradigma adotado pela ciência. Se quisermos formar indivíduos intelectuais e humanamente competentes e bem formados, capazes de aceitar desafios, construir e reconstruir teorias, discutir hipóteses, confrontadas com o real, formar seres em condições de influenciar na construção de uma ciência no futuro ou participar dela, então, necessariamente, o paradigma educacional precisa ser revisto. (1996:20)

O que urge nos tempos de hoje é convidar os educadores a uma reflexão no caminho de conhecerem-se a si mesmos, permitindo-lhes assim encontrar-se com o seu saber e a sua sabedoria. O conhecimento do conhecimento os levará a uma

atitude de constante vigilância para não se apegar às suas certezas e verdades, mas permanecer abertos à percepção de um mundo que produzimos juntos, nós e os outros, um mundo que se move em direção à auto-regulação, à felicidade e à vida plena.

## 4.2 PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO

O Princípio Biocêntrico considera as interações, as conexões de todo o sistema vivente. Propõe avançar além do enfoque antropocêntrico tão reforçado na formação do nosso modo de pensar, sentir e agir, nos tornando muitas vezes seres dicotomizados, com o pensamento fragmentado. Não apenas da vida dos animais, das plantas e do ser humano, mas de tudo o que existe. A visão biocêntrica nos aponta um estilo de sentir, de pensar e de agir inspirado nos sistemas viventes e possibilita uma reaprendizagem das funções originais da vida. O ser humano, nessa visão, é um ser relacional, cósmico que tem uma qualidade transcendente.

A prática da Educação Biocêntrica, portanto, exige uma mudança existencial de paradigmas e uma nova maneira de ver o mundo. Devemos abandonar o antigo paradigma antropocêntrico e assumir como fundamento de vida um Princípio Biocêntrico, que considera a Vida como valor supremo e como manifestação do Sagrado.

O Princípio Biocêntrico é o reconhecimento de um fundamento implicador – unificador ou transcendental – que subjaz ao que somos capazes de viver no cotidiano.

Rolando Toro<sup>47</sup> denuncia a perda da nossa conexão com a vida, através de um processo histórico de degradação instintiva. Nas suas palavras “Não há ‘reflexos de vida’ no cidadão comum de nossas metrópoles. Poder-se-ia postular que a enfermidade é a incapacidade de estabelecer os bio-feed-backs com tudo aquilo que está vivo no ambiente. Nosso intelecto desenvolveu uma monstruosa capacidade de combinar-se com as coisas mortas em um processo de sofisticada necrofilia” .

Imersos neste processo enfermo, que confunde a vinculação que temos com o Cosmos, perdemos a percepção de que a vida tem uma condição sagrada.

---

<sup>47</sup> TORO, Rolando. Ib Idem. .

Conectar a educação à vida não é apenas uma possibilidade; é uma necessidade. Conectar a educação à vida significa assumir que a existência de uma qualidade sagrada que precisa ser resgatada em todos os espaços.

Estamos diante da complexidade a qual exige novas maneiras de perceber, uma nova postura e novos parâmetros (Morin, 1990). Esta requer uma profunda reforma do pensar, uma verdadeira revolução das estruturas do pensamento e dos valores, no sentido de um pensamento que descobre o observador como parte da realidade estudada, isto é, sujeito e objeto integrados em um só processo, que é linear e não-linear, em equilíbrio, biocêntrico.

O primeiro passo para uma Educação Biocêntrica é, para Rolando Toro<sup>48</sup>, o cultivo dos instintos, que são as forças organizadoras e conservadoras da vida. A Educação Biocêntrica não tem como prioridade a formação intelectual ou tecnológica, também não as desqualifica, mas dá primazia ao estímulo dos potenciais genéticos, que constituem a estrutura básica da identidade.

“Toda a metodologia deve orientar-se para a conexão com a vida. Nas escolas, as crianças deveriam estar em contato direto com a natureza, a terra, a água, o fogo e o ar puro; com as plantas, as flores e os frutos; com os trabalhos agrícolas; com os animais; com o canto e a dança; com a preparação dos alimentos; com a observação e proteção da natureza”.

A imagem do homem proposta pela Educação Biocêntrica é a do “homem relacional, homem ecológico e homem cósmico”. A matéria desta educação é a VIDA, sendo indispensável na nossa cultura recuperar o sentimento de “sacralidade da vida” e o “prazer de viver”.

A estratégia de transformação existencial muda, partindo do Princípio Biocêntrico. Os parâmetros de nosso estilo de vida são os parâmetros de vida cósmica. Em outras palavras, nossos movimentos, nossa dança se organizam como expressões de vida... Tudo o que existe no universo, elementos, estrelas, plantas, animais e seres humanos, são componentes de um sistema vivente maior. (Toro: 1992)

---

<sup>48</sup> TORO, Rolando. Ib Idem. .



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aninhado nesse sentido, Marcos Cavalcante (2001: 93) afirma que podemos reconhecer a Educação Biocêntrica como uma tendência evolucionária que visa à integração do indivíduo, orientado por sua autoconsciência e constituído em suas relações altruístas, o que cria as possibilidades para o seu desenvolvimento e para a expressão de suas potencialidades instintivas. Para o autor, a Educação Biocêntrica estimula, no indivíduo, a vinculação com a vida e isso acontece a partir da relação consigo, com o outro e com o meio. Ao acordar o seu SER adormecido, ativamos seus instintos originais e gregários determinados biologicamente, notadamente sufocados e condicionados pela cultura da dissimulação, do disfarce dos sentimentos e dissociação do corpo, identificadas nas relações dicotômicas vividas na era moderna.

Ou seja, a Educação Biocêntrica, enquanto uma prática pedagógica traz como referencial imediato, a vida em todas as suas dimensões e assume que é o Princípio Biocêntrico (Rolando Toro<sup>49</sup>) o seu paradigma fundamental, porque este se inspira nas leis universais existentes para conservar os sistemas vivos e tornar possível a sua evolução. Nessa concepção, o Universo é constituído por uma abrangência relacional que abraça a totalidade da vida, por isso, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário.

É possível compreender a Educação Biocêntrica como uma poética da cognição que vislumbra a formação de um ser humano cósmico, comprometido de modo incondicional com a paz e o reconhecimento teórico-prático da vida.

gerar os fundamentos de uma convivência em cooperação. Maturana (2000: 72) ressalta que a cooperação só é possível em relações guiadas pelo AMOR, pois elas exigem confiança e aceitação mútuas e inventam um ambiente relacional distinto do espaço da obediência, que se concretiza quando estão presentes a sujeição e a dominação. No âmbito desta convivialidade está a abertura para a intimidade, onde adultos, crianças e jovens podem conviver na aceitação mútua e na proximidade corporal. É nesse ambiente que se aprende a empatia: a colocar-se no lugar do outro para percebê-lo como extensão de SI mesmo, para construir a

---

<sup>49</sup> TORO, Rolando. Ib Idem. .

capacidade de “sentir em comum” a vida como um movimento entrelaçado em SI e em TUDO que existe.

- Restaurar, então, o sentido pleno de viver em comunidade: VIVER + COM = EU + o OUTRO em UNIDADE. O fundamento para esta reeducação afetiva é a convivência baseada na empatia. É por meio desta experiência que podemos compreender o sentido e o significado do ato de colocar-se no lugar do outro, para reafirmar que a identidade de cada um se fortalece na aceitação da alteridade e pela vivência da diversidade. Aceitar que somos apenas o que “damos” conta de ser a cada instante, porque SOMOS na presença e na aceitação do outro um movimento inesgotável de outras possibilidades. No sentimento pleno de comunidade redescobrimos nosso inacabamento e nossa incompletude, dois enigmas que forjam a GRAÇA de nossa humanização e que enfeitam a nossa ontogênese para que ela dance.

A inteligência afetiva clama pelo encontro entre aqueles e aquelas que, juntos, buscam não apenas o autoconhecer-se, mas também conhecer e mudar a realidade.

Essa proposta pedagógica nos dá poderosas ferramentas afetivas, cognoscitivas e sociais.

Através de recursos didáticos específicos, a Educação Biocêntrica favorece a expressão dos nossos próprios potenciais, expressão originária do que há de mais íntimo em nós mesmos, na essência do sentir-se vivo. Da vivência do ser inteiro, na qual as pessoas sentem, amam e se tocam livres dos medos e dos tabus, surge a capacidade de compartilhar, de dar e receber, de se entregar, de ter participação comunitária com compromisso e solidariedade. Como sujeitos da nossa realidade podemos reinventá-la através da poesia, da dança, da carícia, da ação política.

No entanto, não basta mudar dentro de si, a mudança deverá dar-se também socialmente, na unidade dialética entre a dança e a política. Para uma formação plena como educador é preciso disposição para sair do pensamento puramente antropocêntrico e assumir também o Princípio Biocêntrico que interfere profundamente no modo de pensar, sentir e agir, aprofundando os vínculos com as pessoas e com o meio cósmico. Acreditamos na força da prática de uma educação para a liberdade e felicidade das pessoas, para a justiça social entre os seres humanos, para a busca de viver em paz, para a comunicação entre as pessoas mediada pelo diálogo amoroso. Acreditamos nessa Pedagogia do Encontro. Que-

remos nos preparar cada vez mais para dialogar com os que pensam e fazem educação; queremos que nossa linguagem amorosa seja compreendida por todos os educadores, que, como nós, buscam contribuir para influir mais decisiva e rapidamente na mudança dos paradigmas da pedagogia contemporânea.

A Educação Biocêntrica é a educação e reeducação do viver, uma reeducação afetiva e uma elevação do nível da consciência. Tudo isso pressupõe uma permanente auto-educação, auto-cuidado e compromisso evolutivo do educador. A metodologia vivencial aqui proposta favorece o contato com o ritmo de crescimento de cada educando, a sincronização com o outro e a sintonia com o Universo. Nas salas de aula, assim como nas organizações, nas comunidades e nos movimentos sociais de um modo geral, a prática pedagógica da Educação Biocêntrica tem como base do ensino-aprendizagem as vivências e as reflexões integradoras: a vivência-diálogo é o que tem sido nossa prática com os educadores com os quais convivemos nos cursos, no nosso cotidiano, nos eventuais encontros.

Das minhas buscas permanentes, tanto na reflexão como na prática, de um auxílio na formação dos mediadores. Auxiliar-los na construção de pessoas capazes de olhar os outros com olhos carinhosos, generosos, ajudando a nascer a pessoa sensível que se esconde na alma de cada um, em função de sermos constituídos e resultado de uma sociedade, onde não constatamos a generosidade e o altruísmo como cidadão.

O mediador competente deve saber construir espaços num ambiente informal onde as pessoas em conflitos possam ser acolhidas e estimuladas de forma criativa, respeitosa e afetuosa construir diálogos, reflexões e assumindo o protagonismo de suas vidas.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, André Gomma. Justiça Restaurativa e Mediação Vítima-Ofensor: Conceitos. *Estudos em Arbitragem, Mediação e Negociação*. UnB.: Ed. Grupos de Pesquisa, Série Grupos de Pesquisa n. 1 Vol. 4, 2007.

BARBOSA, Águida Arruda. O direito de família e a mediação familiar. Direito de família e ciências humanas. *Caderno de estudos*, São Paulo: Jurídica Brasileira, n. 1, 1997.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar. Ética do Humano - compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOHM, David. Totalidade e a Ordem Implicada. São Paulo: Madras, 2008.

GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos; Dib, Vitória Catarina. Da Sociedade do Conhecimento à Sociedade da Consciência. Princípios, Práticas e Paradoxos. São Paulo: Saraiva, 2007

Justiça para o Século 21 – Instituinto Práticas Restaurativas. *Manual de Práticas Restaurativas*. BRANCHER, Leoberto, TODESCHINI, Tânia B.; MACHADO, Cláudia. Porto Alegre: AJURIS, 2008

LÁZARO, João e MARQUES, Frederico Moyano. Justiça Restaurativa e Mediação. *Revista Sub Judice-Ideias* n. 37, p. 66, 2006

MADANES, Cloé. Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação. São Paulo, Psy, 1997 APUD MUSZKAT, Malvina Ester (Org.). São Paulo: Summus, 2003.

MOORE, Christopher W. O Processo de Mediação. Estratégias Práticas para a Resolução de Conflitos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. Educar em Valores. São Paulo: Paulinas, 2005.

MUSZKAT, Malvina Ester (Org.). São Paulo: Summus, 2003.

QUINTÁS, Alfonso López. Inteligência Criativa. Descoberta pessoal de Valores. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação Não-Violenta*. Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais. São Paulo: Agora, 2009

SALES, Lília Maia de Moraes. *Mediação de Conflitos*. Família, Escola e Comunidade. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.

SAMPAIO, Lilia. *O que é Mediação*. 2007

SERPA, Maria de Nazareth. *Mediação de Família*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

SICA, Leonardo. *Justiça Restaurativa & Mediação Penal*. Novo Modelo de Justiça Criminal e de Gestão do Crime. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.

SIX, Jean-François. *Dinâmica da Mediação*. Trad. BARBOSA, Águida Arruda; NAZARETH, Eliana Riberti, GROENINGA, Giselle. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

TORO, Rolando. *Biodanza*. São Paulo: Olavobrás, 2002.

WARAT, L. A. O ofício do mediador. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

ZEHR, Howard. *Trocando as Lentes*. Um novo Foco sobre o Crime e a Justiça Restaurativa. São Paulo: Palas Athena, 2008.